

Orientação Profissional e de Carreira em Cursinho Pré-Universitário Comunitário: Apresentação e Análise de um Projeto de Extensão de 10 Anos

Career Guidance in a Communitarian Preparatory Course for University: Presentation and Analysis of a 10-year Extension Project

MARCELO AFONSO
RIBEIRO, ALEX
MASSAMI KANAMURA,
ARTHUR HOVERTER
FACCHINI, CECILIA
PERES BOSCHETTO,
JULIANA SANO DE
ALMEIDA LARA, RAFAEL
DE LIMA TORRES

Universidade de São Paulo,
Instituto de Psicologia, São
Paulo, Brasil.

RESUMO

Cursinhos populares ou comunitários buscam atingir uma camada social sem privilégios que visa ascensão socioeconômica pelo ingresso na universidade, promovendo não apenas oportunidades de ingresso, mas também espaço de discussão e reflexão social, sendo uma ação de politização da sociedade. O presente artigo visou descrever e analisar os principais resultados do Projeto de Orientação Profissional (POP) realizado no cursinho pré-universitário comunitário do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo no período de janeiro de 2006 a julho de 2016, dentro do Programa Aprender com Cultura e Extensão da USP. O POP utilizou cinco estratégias variadas (plantões, grupos, dia informativo de carreiras, oficinas pontuais e supervisão), visando atender demandas variadas do conjunto de alunos/as. Sua efetividade foi qualitativamente avaliada pela adaptação do método Resultantes Inovadoras em Aconselhamento de Carreira. Os principais resultados apontaram contribuições sociais (acesso à orientação profissional de grupos sociais desprivilegiados, e oportunidade de refletir sobre o futuro através da elaboração de projetos de vida de trabalho), formativas (auxiliar a desenvolver competências de reconstruir estratégias diante de contextos variados de intervenção e populações diversas em alunos/as de graduação em psicologia) e científicas (construção de estratégias de orientação profissional em contextos não usuais).

Palavras-chave: Desenvolvimento Profissional. Orientação Profissional. Vulnerabilidade. Universidades. Projeto de Vida.

ABSTRACT

The communitarian preparatory courses for university have sought to reach unprivileged social groups that aim socio-economic upward mobility by entering in a university. They not only promote opportunities for university entrance, as well as forum for debate and social reflection, and it is therefore an act for social

politicization. The article aimed to describe and analyze the main results of a Career Guidance Project held in the communitarian preparatory course for university of the Psychology Institute, University of São Paulo from January 2006 to July 2016, as a part of the university's Program Learning with Culture and Extension. The Career Guidance Project has used five different strategies (emergency attendance, group-based counseling, informative day on careers, specific workshops, and supervision) aiming to impact the set of students in different ways. Its effectiveness was qualitatively assessed by reconstructing the Career Counseling Innovative Outcomes method. The findings highlighted social contributions, such as the access to career guidance for unprivileged groups for whom is offered the opportunity to think about future through construction of working life projects; training achievements by developing competences to reconstruct strategies for dealing with distinct contexts and different set of people; and scientific development by constructing career guidance strategies in unusual contexts.

Keywords: Professional Development. Career Guidance. Vulnerability. Colleges. Life Project.

INTRODUÇÃO

Os cursos preparatórios para o vestibular, ou “cursinhos”, segundo Santos [20], podem ser caracterizados como escolas livres de preparação para o Ensino Superior, particulares ou de cunho popular. Os cursinhos sempre atingiram uma parcela da população dotada de condições sociais e econômicas que a permitem pleitear a continuidade de seus estudos em níveis superiores. A partir da década de 1980, a crise econômica gerou uma fuga da classe média dos cursinhos particulares. Como alternativa, surgem novos modelos de cursos pré-vestibulares conhecidos como “cursinhos populares”, “cursinhos alternativos”, ou ainda, “cursinhos comunitários” voltados para a demanda evadida dos cursinhos particulares, tentando atingir uma camada social desprivilegiada, oriunda da escola pública e com o objetivo de crescimento econômico e ascensão social a partir do ingresso em cursos superiores [5; 13; 20]. Bacchetto [1] define os cursinhos populares como movimentos que, utilizando os moldes de cursinhos tradicionais, possibilitam não apenas oportunidades de ingresso na universidade para estudantes carentes, mas promovem um espaço de discussão e reflexão social, sendo, em sua maioria, oriundos de movimentos populares organizados, como o movimento estudantil e o movimento negro, o que subverte a lógica comercial dos cursinhos e cria um espaço politizado de transformação social. O Cursinho da Psico-USP surgiu em 1998, por iniciativa dos/as próprios/as estudantes do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP) com a figura jurídica Instituto de Cultura, Atividades e Pesquisa em Psicologia e Educação (ICAPPE). A ideia inicial consistia na criação de um projeto social visando à ampliação de oportunidade e acesso das camadas populares provenientes da escola pública às universidades públicas, ocupando um espaço ocioso da universidade, já que as salas de aula do IPUSP não eram utilizadas durante a noite devido a não existência de um curso noturno de psicologia, e que servisse como espaço para a realização de estágio dos/as seus/suas estudantes. Desta forma, o Cursinho da Psico-

USP nasceu de uma intenção de democratização de um espaço público, em uma tentativa de levar diretamente aos/às jovens e adultos/as das camadas populares uma extensão dos conhecimentos produzidos na universidade buscando garantir o direito constitucional da educação para todos/as. Além das aulas preparatórias para o vestibular, o cursinho oferece uma série de atividades, visando proporcionar uma formação mais ampla para os/as alunos/as, dentre elas, o Projeto de Orientação Profissional (POP).

Santos [20] constatou a ausência de modelos de atuação em Orientação Profissional e de Carreira (OPC) em cursinhos no geral – os trabalhos realizados não são desenvolvidos especificamente para cursinhos, havendo a importação de modelos utilizados em outras instituições, por isso que os poucos estudos que discutem os limites e possibilidades desta modalidade de intervenção confirmam sua relevância no contexto dos cursinhos populares, como é o caso dos estudos de D’Ávila et al. [5], Figueiredo e Barbosa [8], Santos [20], Valore e Cavallet [21] e Whitaker [22], o que torna a presente publicação importante para contribuir na construção desta estratégia específica, pois esta é uma tarefa coletiva.

A OPC inicia suas ações no Cursinho da Psico-USP em 2001, embora já estivesse prevista desde o projeto inicial do mesmo (INSTITUTO DE CULTURA, ATIVIDADES E PESQUISA EM PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO, 1995), através da organização de uma feira anual de profissões, ação tradicional do campo da OPC [23], na qual são convidados/as profissionais de diversas áreas para contarem sobre sua escolha profissional, formação e carreira, se constituindo em uma atividade de caráter muito mais informativo, que visava esclarecer questionamentos e dúvidas dos/as alunos/as, auxiliando a escolha da carreira universitária através da informação pesquisada. Em 2002, faz-se, então, uma parceria com o Serviço de Orientação Profissional (SOP) do IPUSP que começa a enviar seus/suas estagiários/as do curso de especialização para desenvolver grupos pontuais com os alunos do Cursinho. Em 2005, partindo da necessidade de criar um serviço de OPC no cursinho, considerando suas características e necessidades, surge o POP. Esse serviço passa a oferecer atendimentos individuais (plantões de OPC) e grupais (grupos de OPC) durante todo o ano, tornando-se, a partir de 2006, projeto integrante do projeto pedagógico do cursinho e vem se ampliando ao longo dos anos. O POP, portanto, é um projeto que vem sendo realizado por alunos/as de graduação do IPUSP há 15 anos e tem como público-alvo todos/as os/as alunos/as, em média 150 por ano, do Curso Pré-Universitário Comunitário da Psico-USP, com finalidades formativas e sociais.

Em termos formativos, o projeto busca complementar a formação do/a estudante de psicologia que queira se aprofundar no tema da OPC, vivenciando uma experiência prática. O currículo normal do curso de graduação em psicologia do IPUSP já oferece, em duas de suas disciplinas optativas, a possibilidade de atendimento na respectiva área. Entende-se que o projeto acrescenta experiências neste campo e favorece a formação do/a aluno/a participante ao inseri-lo/a em uma instituição voltada para o ensino e definida como um projeto social, promovendo a politização da OPC, muitas vezes, estereotipada como intervenção elitizada e restrita a jovens de classe média e alta [5; 17]. Em termos de contribuição social, busca oferecer aos/às alunos/

as do Cursinho da Psico-USP atendimento de OPC, disponibilizando um espaço que favoreça a reflexão sobre a própria situação de escolha, objetivando a organização de planos e projetos com ênfase na vida de trabalho, profissional e acadêmica, abrindo possibilidades de emancipação social.

Com base na perspectiva socioconstrucionista [2; 15; 18; 19] articulada a teorias críticas latino-americanas [4; 9; 16], o principal objetivo para a OPC é constituir em um espaço de coconstrução de si no mundo do trabalho através do/a: (a) contato com a realidade do trabalho, de forma que não fique desprendida dos determinantes que a compõe e favoreça o comprometimento com um projeto possível e desejável; (b) construção, desconstrução e reconstrução gradativa da identidade e dos projetos de vida de trabalho, visando planejar o futuro; e (c) instrumentação das duas dimensões para planejar o futuro – a dimensão subjetiva da construção identitária e de sentidos sobre si, sobre a sociedade e sobre o trabalho, e a dimensão objetiva das “estratégias operacionais para inserção e construção de projetos no mundo, em termos de como utilizar seu repertório de competências, práticas e significados, transformando-os em instrumentos para planejar sua ação e agir sobre o mundo” [18]. Todo o processo da OPC se baseia na construção, desconstrução e reconstrução narrativa, pois entende que a narrativa é a forma através da qual as pessoas se constroem no mundo e podem compreender estes movimentos de construção, assim como podem comunicar mudanças ou ausências de mudança aos/às outros/as. As narrativas expressam experiências e produção de saberes pela linguagem [18; 19].

A proposta se insere dentro do campo de estudos em justiça social e OPC de forte tradição internacional [2; 11] e com propostas emergentes no Brasil [3; 19] e na América Latina [16]. Visa ampliar a oferta de OPC, tradicionalmente dirigida aos jovens de classe média e alta em busca da escolha de um curso superior para as mais variadas populações, entre elas, jovens em situação de vulnerabilidade, desempregados/as e trabalhadores/as informais, estendendo-a para a sociedade como um todo e ampliando sua capacidade de estratégia de transformação social.

Assim, o presente artigo visou: (a) apresentar uma proposta de OPC para cursinhos pré-vestibulares comunitários, nomeada de Projeto de Orientação Profissional (POP), construída no período de janeiro de 2006 a julho de 2016 no Cursinho Pré-Universitário Comunitário da Psico-USP, dentro do Programa Aprender com Cultura e Extensão da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da USP; e (b) avaliar qualitativamente o processo de OPC realizado.

MATERIAIS E MÉTODOS

PARTICIPANTES

Foi selecionada uma amostra não-probabilística de participantes para análise da efetividade das intervenções realizadas, composta por 55 alunos/as do cursinho participantes de três formas de intervenção propostas, sendo 20 dos grupos de OPC, 25 dos plantões e do 10 do Dia Informativo de Carreiras (DICA); bem como 5 alunos/as estagiários/as de graduação em psicologia. Todos os

cuidados éticos recomendados pelo Comitê de Ética do IPUSP foram cumpridos. Sistema metroviário

Instrumento e Método de Análise Qualitativa da Intervenção Realizada

Como forma de avaliar a efetividade das intervenções realizadas e, em consonância com a perspectiva socioconstrucionista que é a base deste trabalho e se insere na tradição da psicologia narrativa, foi utilizado uma adaptação não-estruturada do método das Resultantes Inovadoras em Aconselhamento de Carreira (Career Counseling Innovative Outcomes – CCIO) elaborado ao longo da última década e publicada recentemente por Di Fabio [6]. Este modelo avalia como as pessoas constroem suas narrativas ao longo do processo de OPC, através da análise de mudanças ou falta de mudanças nas narrativas de vida e de carreira antes e depois das intervenções, com base na reflexividade gerada ou não. Reflexividade definida como a capacidade de sustentar e revisar narrativas coerentes de vida em contextos de múltiplas escolhas [10]. Assim, a reconstrução do método CCIO, aqui proposta, classificou as narrativas com base nos movimentos gerados na reflexividade, sendo que a eficiência da intervenção gerava movimentos de reflexividade (aumento, aprimoramento ou abertura) e a não-eficiência da mesma gerava falta de reflexividade.

Procedimentos

Este método permitiu avaliar, qualitativamente, se as intervenções geravam algum tipo de mudança tanto nos/as alunos/as do cursinho, quanto nos/as alunos/as estagiários/as, responsáveis pelo POP, através da análise e classificação das narrativas produzidas antes e depois das intervenções realizadas. As intervenções eram registradas e os registros eram analisados durante as supervisões, momento em que se avaliavam tanto as mudanças narrativas dos/as alunos/as do cursinho (público-alvo das intervenções), quanto dos/as alunos/as estagiários/as da graduação em psicologia (realizadores/as das intervenções). Foram analisadas as seguintes estratégias: grupos de OPC, plantões de OPC e Dia Informativo de Carreiras (DICA) que tinham mais registros arquivados.

RESULTADOS

Serão apresentados os resultados das estratégias utilizadas colocadas em ação acompanhadas de trechos das narrativas dos/as alunos/as e do/as estagiários/as do POP como forma de analisar a efetividade das intervenções realizadas com base no modelo CCIO proposto [6].

Plantões Semanais de OPC

Nos plantões, a equipe do POP ficava disponível durante 1h30 antes do início das aulas, visando o atendimento contínuo às demandas dos/a alunos/as em relação a questões relacionadas à informação profissional, vestibulares, escolha profissional e elaboração do projeto de vida de trabalho. Tem como estratégia oferecer um processo

rápido com três funções básicas: acolhimento da demanda e das angústias no momento em que surgem, exploração em profundidade da questão permitindo ao/à aluno/a compreender o que está ocorrendo com ele/a, e estabelecimento de um plano de ação, ou seja, coconstrução de uma estratégia de resolução do problema apresentado ou conhecimento de quem possa auxiliar nesta resolução [7].

O plantão é uma modalidade de intervenção fundamentada na ideia de que as pessoas têm demandas urgentes e que precisam ser atendidas no momento em que surgem, por isso a necessidade de se estar sempre disponível no mesmo local e horário (dia fixo da semana), sendo este o espaço de referência do OPC durante a semana para os/as alunos/as [14]: “É bom termos um espaço específico para pensar no nosso futuro antes das aulas, pois o cursinho tem muitas atividades que nos deixam loucos”, como apontou uma aluna. A oferta de um serviço de referência para acolhimento e orientação alivia a pressão sobre o/a aluno/a e permite que ele/a se sinta mais à vontade (confortável e acolhido) para seguir seu rumo ou mesmo arriscar-se um pouco mais. Nos casos em que se constatava a necessidade de um atendimento mais prolongado, o/a aluno/a era orientado/a a procurar outro serviço mais adequado de OPC.

A frequência foi sazonal, com uma grande concentração em períodos considerados de crise, como início das aulas em função do processo de adaptação à rotina de estudos e proximidade de inscrição para os vestibulares e das provas, mas com uma constância de 2 a 5 alunos/as por semana em semanas consideradas normais (sem eventos potencializadores de crises), até 10 alunos/as em semanas pós eventos críticos, como os acima descritos, e ausência de alunos/as a partir de setembro após o final da inscrição dos principais vestibulares, em um total médio de 80 atendimentos anuais.

A procura pelo serviço ocorria principalmente por dúvidas quanto a faculdades e carreiras, caracterizando o trabalho da orientação para a escolha profissional, em função da proximidade do período de inscrição dos principais vestibulares para as universidades públicas paulistas, bem como uma conversa sobre projetos profissionais e projetos de vida. A escolha era colocada como fator em um projeto maior, profissional e de vida. Em muitos casos, o atendimento consistiu em evidenciar o contexto em que a pessoa se encontrava e quais seriam suas aflições, de forma que o/a aluno/a soubesse o que estava escolhendo e porque aquilo o/a afligia. A opção pelo curso superior era, muitas vezes, questionada e colocada dentro de um projeto de vida desejado.

O processo oferecido nos plantões buscava trazer o/a aluno/a para uma escolha mais baseada em seu contexto e seus desejos, ao invés de seguir um modelo dado voltado à produtividade e a um único objetivo vislumbrado, e sempre incluir uma escolha dentro de um projeto de vida mais amplo, pois toda escolha que não envolve a vida como um todo, tende a não se consolidar. Afinal, como apontou Bohoslavsky [4], toda escolha implica um projeto que é uma estratégia temporal.

Com base no CCIO [6], as narrativas foram analisadas e mostraram um movimento predominante de aumento ou aprimoramento de reflexividade e um movimento menor de falta de reflexividade. Em geral, os/as alunos/as chegavam aos plantões e produziam narrativas como “eu não faço ideia do que escolher”, “me diga o que é melhor para mim” ou “me sinto totalmente despreparado para o mercado de trabalho”

e saiam com três movimentos muito claros. Em primeiro lugar, a maioria apontava que “agora percebi que tenho que fazer um projeto e pensar em objetivos” e “não basta me matar de estudar se não pensar no que quero para o futuro”, constituindo um movimento de aumento de reflexividade. Em segundo lugar, alguns/mas percebiam a necessidade de aumento da reflexividade, mas não se sentiam capazes de fazer isto sozinhos/as e pediam para participar dos grupos de OPC (movimento de abertura para a reflexividade): “Há alguma outra coisa que eu posso fazer para pensar nestas questões que levantamos aqui? Sinto que preciso pensar mais na minha vida e no meu futuro”. E, por último, um pequeno conjunto de alunos/as não conseguia se movimentar, resistia à reflexividade e ia embora rapidamente (movimento de falta de reflexividade) dizendo: “Acho que vocês não podem me ajudar, terei que resolver sozinho minhas questões” ou “não era isto que eu imaginava conseguir aqui”. Outro comentário recorrente era: “Que bom que este tipo de ajuda existe aqui no cursinho, pois eu nunca faria uma orientação profissional fora daqui, não existe, não tem para nós, só para quem pode pagar”. Este comentário denota o caráter político de ampliação do acesso aos direitos sociais.

Grupos de OPC

Os grupos de OPC foram oferecidos por duplas oriundas da equipe do POP como uma alternativa de atendimento mais prolongado, com possibilidade de aprofundamentos das questões pessoais de cada aluno/a, e aconteciam no 1º semestre do ano. A princípio, pensou-se em 10 encontros de 60 minutos, mas, baseando-se nos comentários dos/as coordenadores/as do cursinho e em experiências anteriores, reestruturou-se o planejamento do grupo para 4 a 5 encontros de 45 minutos a 60 minutos. A participação foi contínua para alguns/algumas e de passagem para outros/as, configurando, em média, um total de 10 participantes, com metade com uma participação flutuante e metade com uma mais continuada.

Em termos metodológicos, a estratégia utilizada se baseia em modelo clínico-operativo e nos grupos de reflexão [9] reconstruídos para o campo da OPC, nos quais os/as alunos/as entram em contato com a realidade do mundo do trabalho de forma crítica e realizam um processo de coconstrução de si (método clínico), e exploram estratégias de escolha e elaboração de projetos de vida de trabalho, tentando esboçar seus planos de ação de trabalho através da instrumentação subjetiva e objetiva já descritas (método operativo). Tem enquadre limitado do tempo (tempo finito) e intervenção focada na construção do projeto de vida de trabalho (tema definido), o que força a reflexão e a coconstrução de projetos.

Nos grupos realizados, o acolhimento de angústias pareceu gerar efeitos muito positivos naqueles/as que permaneceram. De fato, boa parte dos/as que visitavam o grupo “por acidente” ou para “ver o que é” desistia rapidamente. Nos casos em que a questão era mais pontual, o plantão parecia ser o atendimento mais adequado e os/as alunos/as eram encaminhados/as para esta modalidade de intervenção em OPC. Em decorrência disto, os grupos de OPC tiveram uma frequência com pouca regularidade, mantendo, no entanto, um pequeno grupo de interessados/as que estabeleciam uma participação contínua com os/as quais trabalhou-se questões mais profundas.

Entende-se que o grupo exerceu a função de facilitar o compartilhamento de questões pessoais, possibilitando a reflexão e a elaboração delas. É interessante notar que os/as alunos/as que aproveitaram melhor o espaço do grupo trouxeram, cada um à sua maneira, relatos de vida bastante peculiares e diferenciados. Em quase nenhum dos casos a problemática da escolha do curso era a preocupação central, uma vez que os assuntos verdadeiramente trabalhados se relacionavam a angústias, medos e traumas que antecediam a questão da informação sobre os cursos superiores e as profissões. Por fim, entende-se que o grupo ofereceu um espaço de desenvolvimento pessoal, um espaço de teste de fantasias e de desejos perante o/a outro/a, e um espaço para esboçar identidades futuras, facilitando o processo de escolhas e de planejamento. Não se pode afirmar que o grupo resolveu o conflito de todos/as que dele participaram, mas parece ter propiciado um espaço de desenvolvimento e reflexão único e benéfico, como mostram as narrativas de grande parte dos/as participantes que apontavam para um aumento ou aprimoramento da reflexividade, com uma pequena parte que não mudou, desistindo ao longo do processo da OPC.

Aqueles/as que se beneficiaram do processo de OPC e aumentaram ou aprimoraram sua reflexividade, constituindo a maioria dos/as avaliados/as pelo CCIO, apontavam que “no início, eu achava que devia ter o maior número de informação possível e agora vejo que se não pensar o que vou fazer com esta informação, não adianta nada”, “pensava que tinha que ser a melhor, mas agora tenho clareza que tem muita coisa antes de pensar em ser a melhor”, e “para mim, escolher um curso era a escolha definitiva e não é, né? É apenas a primeira escolha, muitas outras virão ainda”.

Os que não conseguiram um aumento ou aprimoramento da reflexividade, constituindo a minoria do conjunto de alunos/as avaliados pelo CCIO, desistiram ao longo do processo de OPC ou participaram de maneira intermitente nos grupos, em geral, apresentando problemas pessoais anteriores que dificultavam pensar no futuro relacionadas, principalmente, à família (“preciso agradar meu pai, senão não adianta escolher nada” e “tenho medo de ter as mesmas dificuldades que meu irmão”), e às dificuldades de tomar decisões (“continuo tendo muitos desejos e interesses com relação às profissões, não consigo escolher”), em um movimento de falta de reflexividade.

Dia Informativo de Carreiras (DICA)

Evento inspirado nas feiras de profissões já descritas [20] e que se constituiu em um Dia Informativo de Carreiras (DICA), no qual eram organizadas mesas de discussão com profissionais convidados/as, que apresentavam e tiravam dúvidas sobre as profissões que os/as próprios/as alunos/as haviam previamente selecionado.

Para a preparação do evento, era passado um questionário em sala de aula, pedindo aos/às alunos/as que colocassem em ordem de preferência até três cursos que tivessem interesse em conhecer melhor. Perguntava-se também, no mesmo questionário, se havia um maior interesse em ouvir sobre faculdades e universidades públicas, privadas e se havia interesse em cursos tecnológicos. O evento já estava predefinido no calendário de atividades do Cursinho antes do início do ano, sendo reservado um sábado para que ocorresse e era organizado em torno de uma a três mesa(s) redonda(s) temática(s). Os/As palestrantes eram orientados/as a falar sobre sua

escolha de carreira, experiências profissionais, o curso realizado e a vida universitária.

A intenção principal do DICA foi proporcionar aos/às alunos/as e interessados/as um espaço mais acolhedor, em que as dúvidas pudessem ser tiradas presencialmente com alguém que já havia feito uma escolha e pudesse contar as suas experiências. Muito mais do que um espaço informativo, o DICA ofereceu um espaço de acolhimento e compartilhamento de angústias, proporcionando aos/às participantes a oportunidade de ouvir experiências não só de cursos e faculdades, mas trajetórias de carreira e de vida, escolhas e dúvidas pelas quais todos/as costumam passar.

No evento compareciam, em média, 20 alunos/as, oscilando entre 50 pessoas em um ano e somente 5 em outro ano. A maioria dos/as alunos/as que participaram diziam ter aproveitado muito bem o espaço oferecido, apontavam a(s) mesa(s) como participativa(s) e mostravam-se muito interessados/as. As narrativas que apontavam a eficácia desta estratégia com consequentes movimentos de aumento, aprimoramento ou abertura de reflexividade, podem ser sintetizadas pela seguinte fala: “Todos me diziam que eu tinha uma visão estereotipada, meio senso comum, do Direito, e eu não acreditava. Precisei ouvir de um profissional aqui da USP para acreditar. E olha que eu pesquisei bastante”.

Projeto ARENA

O Projeto ARENA era uma proposta do próprio Cursinho da Psico-USP de incluir aulas e atividades sobre temas diversos como cidadania, política, e direitos para ampliar a formação dos/as alunos/as. Dentro deste projeto, o POP realizou atividades de dinâmica de grupo na Semana Zero (primeira semana de aula) e Oficinas Pontuais (2ª semestre), e estes foram os únicos momentos, ao longo dos anos, em que as atividades do POP atingiam a quase totalidade dos/as alunos/as.

Na Semana Zero, semana introdutória programada para receber os/as alunos/as ingressantes no cursinho, era realizada uma dinâmica de grupo para chamar a atenção, de forma lúdica, da importância da questão da escolha profissional e da elaboração de um projeto de vida de trabalho. A atividade tinha como intenção trazer tais questões aos/às alunos/as ingressantes, criando uma “incerteza” proposital, como uma forma de apresentar a importância do planejamento e incentivando o uso do POP. Vale ressaltar que uma atividade como esta suscita angústias relevantes em alunos/as nesta situação (pré-vestibular) e só foi realizada assim porque haveria um espaço de atendimento especializado em OPC no cursinho para os/as alunos/as, de forma que as angústias suscitadas teriam um espaço fixo e confiável para serem acolhidas.

As oficinas pontuais aconteceram em dois momentos específicos (semana anterior à inscrição na FUVEST e semana anterior à realização do vestibular da FUVEST), tinham duração de 40 minutos, sendo uma proposta de um espaço aberto, em grupo, para que os/as interessados/as pudessem falar um pouco sobre suas angústias. Em média, aconteciam grupos com, no máximo 10 pessoas e, de forma alguma, poder-se-ia resolver problemas, sendo a proposta principal criar um espaço de acolhimento e convivência, para que pudessem falar sobre suas angústias, pois não haveria tempo para lidar de forma aprofundada com qualquer tipo de caso. Os/as participantes deste espaço puderam lidar com a ansiedade causada pela inscrição e pela proximidade

das provas, falando principalmente sobre aquilo que os levou a fazer as escolhas. Em outro grupo discutiu-se a elaboração de planos e projetos, a possibilidade do fracasso e a importância de se ter um plano B. Falar sobre a possibilidade do fracasso é uma forma de lidar com ansiedade que uma prova gera. Desta forma, estes encontros serviram como espaço de troca e acolhimento de ansiedades.

As aulas com discussão de temas específicos, como mercado de trabalho, modalidades de ensino, vestibular, eram uma estratégia mais próxima da rotina dos/as alunos/as e levavam a discussões sobre os temas propostos e maior esclarecimento sobre temas básicos para uma escolha.

Por fim, o conjunto articulado de oficinas temáticas, discutia, através de grupos de reflexão [9], temáticas fundamentais para este momento da vida dos/as alunos/as (projeto de vida, projeto de estudos, mercado de trabalho e gestão do cotidiano), mas que poderiam ser frequentadas em sua totalidade (participação nas quatro oficinas) ou, então, apenas a participação em uma delas de forma isolada, pois todas tinham começo, meio e fim, visando ampliar a participação dos/as alunos/as que tinham problemas de horário disponível para atividades extras. O fato de poder participar de todo ou de apenas parte do processo foi valorizado pelos/as alunos/as.

Supervisão

As supervisões semanais da equipe do POP com o coordenador do projeto visavam discutir, avaliar as atividades realizadas e planejar as ações futuras, bem como acompanhar o desenvolvimento dos/as estagiários, que se mostrou presente pelas mudanças narrativas que expressavam aumento de reflexividade, de acordo com o CCIO [6], expressas nas seguintes falas: “Quando me inscrevi no projeto, achava que iria executar o que o professor mandasse fazer e já estava tudo pronto e fui percebendo que, mesmo sendo em um mesmo cursinho, cada ano há necessidade de adaptar a proposta. Isto me fez olhar para um lado da profissão de psicóloga que eu não havia pensado, ou seja, de que tenho que sempre estudar, repensar minhas estratégias e adaptá-las de acordo com os clientes que tiver”; e “Me incomodava um pouco só trabalhar com sofrimento dos outros e descobri a OPC que trabalha com projetos de vida. A psicologia é mais ampla do que imaginava, o que falava pros alunos do cursinho, servia para mim”.

DISCUSSÃO

Com base na experiência realizada e nas narrativas dos/as participantes, os resultados foram discutidos focando nas principais contribuições formativas e sociais potenciais de um projeto de OPC em cursinho comunitário, em termos de aumento da reflexividade e acesso aos direitos sociais.

Plantões semanais de OPC

Em termos formativos, uma contribuição importante do POP foi colocar os/as estagiários/as em situações nas quais eles/as tivessem que reconstruir concepções teóricas e, principalmente, as estratégias de intervenção que haviam aprendido na

formação, experiência, esta, fundamental, para enfrentar e lidar com as contingências da atuação no mundo do trabalho [2; 16]. Em termos sociais, o POP ofereceu espaço para aprimoramento da reflexividade, em geral, pouco presente no cotidiano dos/as participantes, ampliando o acesso aos direitos sociais, geralmente, ausentes nos grupos sociais desprivilegiados.

Dia Informativo de Carreiras (DICA)

Em termos formativos, a organização, gestão e realização do evento DICA propiciaram aos/às estagiários/as do POP, o desenvolvimento da competência de organização de um evento como um todo, bem como a vivência de formas alternativas de trabalhar com a informação profissional e educacional, ação fundamental em qualquer trabalho de OPC. Em termos sociais, é importante salientar a necessidade básica de que a universidade pública cumpra seu papel público e ofereça atividades e espaços para a comunidade externa, como foi o caso do DICA, divulgado interna e externamente à comunidade universitária.

Grupos de OPC

Em termos formativos, os grupos de OPC possibilitaram aos/às estagiários/as experienciar e desenvolver a capacidade de trabalhar em pequenos grupos através do dispositivo grupal, que se constitui de um importante instrumento de intervenção nos mais variados contextos de atuação para o/a psicólogo/a, principalmente no setor público. Em termos sociais, a oferta deste espaço grupal de OPC em um cursinho popular amplia a possibilidade de que os/as alunos/as que frequentam este tipo de cursinho possam ter acesso a trabalhos que não teriam na sociedade em geral, pois, trabalhos de OPC ainda são privilégio para parte da população, em função da falta de espaços instituídos para que ocorram, promovendo a politização da OPC, muitas vezes, estereotipada como intervenção elitizada e restrita [3; 16; 17].

Projeto ARENA (Semana Zero e Oficinas Pontuais)

Em termos formativos, a principal contribuição das oficinas pontuais foi a constatação da amplitude de estratégias existentes no campo da OPC, dos objetivos diferenciados de cada uma e da complementaridade necessária entre elas dependendo do contexto onde se está atuando, deixando claro que a diversidade de intervenções e a necessidade de sua contextualização, é ação fundamental para um bom trabalho em OPC, como apontam Ribeiro [19] e Santos [20]. Em termos sociais, as oficinas pontuais cumpriram os mesmos objetivos dos grupos de OPC ao oferecerem aos/às alunos/as desta modalidade de cursinho o acesso a trabalhos que não teriam na sociedade em geral, em uma politização da OPC.

Supervisão. É o espaço formativo necessário para a aprendizagem e o desenvolvimento profissional e que não se restringe apenas à graduação, mas pode perdurar por toda vida de trabalho.

Algumas dificuldades foram encontradas pelo POP ao longo dos anos de sua realização. Em termos estruturais, percebeu-se, principalmente, que o cursinho oferece muitas atividades extras que, se por um lado ampliam a possibilidade de auxílio aos/às

alunos/as, por outro lado, os/as sobrecarregavam e deixavam algumas das atividades esvaziadas. Em termos operacionais, o fato das atividades ocorrerem, em geral, antes do período das aulas (19hs.), não permitia a participação de um contingente grande de alunos/as, pois eles/as já não conseguiam chegar no horário para frequentar as aulas. E as atividades de sábado concorriam com simulados. E, em termos conjunturais, uma das principais dificuldades enfrentadas foi o perfil do alunado, ou seja, pessoas que tem que unir educação noturna e trabalho diurno, o que faz com que não consigam ter uma disponibilidade de dedicação razoável para uma rotina de estudos, resultando em baixos índices de aprovação nos principais vestibulares de universidades públicas. Certo desinteresse aparente pelas atividades propostas, bem como um aproveitamento abaixo do esperado se, localizados como responsáveis das próprias pessoas, mascaram uma estrutura educacional excludente que não permite o acesso mais democrático, por conta de condições objetivas precárias de vida, tanto na esfera educacional, quanto na laboral [1; 13; 17].

É importante destacar que o método utilizado foi construído com base em alguns pressupostos a priori, entre eles, a necessidade de reconstruir a proposta estratégica existente diante das condições oferecidas pelo Cursinho da Psico-USP, levando em conta a realidade do/a aluno/a, e sempre alterando o método de acordo com as contingências existentes e das avaliações dos/a alunos/as sobre as atividades desenvolvidas. Além disso, a variedade das estratégias oferecidas também é um pressuposto importante para intervenções em contextos como um cursinho popular, por isso os/as alunos/as tiveram a disposição desde estratégias pontuais, focadas em um tema e realizadas em sala de aula até estratégias processuais, mais aprofundadas e realizadas fora do período de aula, visando atingir, de forma quantitativa e qualitativamente, diversa o conjunto de alunos/as e poder atender demandas igualmente variadas, como preconizam Valore e Cavallet [21] e Whitaker [22].

CONCLUSÕES

A experiência nos mostrou que a preocupação em realizar uma escolha profissional e elaborar um projeto de carreira não afligia a maior parte dos/as alunos/as que frequentavam o Cursinho da Psico-USP. Esta preocupação com o futuro teve ser, de certa forma, “forçada” nos/as alunos/as. Eles/as pareciam evitar pensar no futuro porque as angústias geradas eram muito intensas, principalmente porque a maior parte dos elementos que os/as rodeia aponta para sua menor chance de ser aprovado/a no vestibular. Tivemos que trazer a necessidade do planejamento para a sala de aula e fazê-los/as pensar sobre isto para, então, procurarem o serviço do POP. Entendemos que colocar aos/às alunos/as as condições reais de seus projetos era necessário, pois o/a aluno/a iludido/a que não soubesse lidar com a questão desistiria, mas aquele/a que continuasse teria maior domínio sobre sua situação e saberia lidar melhor com as frustrações futuras, aumentando sua reflexividade.

Desta forma, alertar o/a vestibulando/a para a importância do projeto de vida é uma medida de caráter psicoprofilático. Trazer os/as alunos/as à reflexão sobre este tema é uma importante função da OPC e acreditamos que melhores formas

de fazê-lo deveriam ser estudadas, por isso pensamos que esta experiência descrita e analisada poderá servir de subsídio para o desenvolvimento futuro do campo da OPC em contextos variados e com populações diversas para além das já tradicionalmente atendidas promovendo a politização da OPC, muitas vezes, estereotipada como elitizada e restrita.

Com relação aos/às alunos/as estagiários do POP, o principal desenvolvimento foi a constatação de que o universo de atuação na psicologia é mais vasto do que imaginavam e que as estratégias de intervenção precisam ser reconstruídas em função de contextos, demandas e públicos distintos.

E, em termos científicos, o espaço do POP num cursinho popular permitiu a elaboração e realização de novas estratégias em OPC, que podem auxiliar outros/as profissionais que atuam em campos de intervenção similares ou próximos, propiciando o desenvolvimento tecnológico da área.

Uma das limitações do estudo apresentado foi a utilização de uma metodologia qualitativa, sendo importante marcar que a utilização de uma metodologia quantitativa articulada à qualitativa ampliaria a capacidade avaliativa do projeto realizado, sendo recomendada em futuras experiências. A intenção deste trabalho foi discutir a experiência dos autores no oferecimento de serviços de OPC em cursinho popular. Espera-se que este texto possa contribuir para pesquisas futuras sobre o tema.

REFERÊNCIAS

- [1] BACCHETTO, J. G. **Cursinhos Pré-Vestibulares Alternativos no Município de São Paulo (1991-2000): A Luta pela Igualdade de Acesso ao Ensino Superior**. 2003. Dissertação (Mestre em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- [2] BLUSTEIN, D. L. **The Psychology of Working**. New York: Routledge, 2006.
- [3] BOCK, S. D. **Orientação Profissional para Classes Pobres**. São Paulo: Cortez, 2010.
- [4] BOHOSLAVSKY, R. **Vocacional: Teoria, Técnica e Ideologia**. São Paulo: Cortez, 1983.
- [5] D'AVILA, G. T. et al. Acesso ao ensino superior e o projeto de "ser alguém" para vestibulandos de um cursinho popular. **Psicologia & Sociedade**, v. 23, n. 2, p. 350-358, 2011.
- [6] DI FABIO, A. Life design and Career Counseling Innovative Outcomes (CCIO). **Career Development Quarterly**, v. 64, n. 1, p. 35-48, 2016.
- [7] EISENBERG, S.; PATTERSON, L. E. **O Processo de Aconselhamento**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- [8] FIGUEIREDO, V. C. N.; BARBOSA, A. V. **Escolha e perspectiva profissional de alunos de um cursinho preparatório popular**. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, v. 16, n. 2, p. 173-183, 2015.
- [9] FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- [10] GUICHARD, J. Self-constructing. **Journal of Vocational Behavior**, v. 75, n. 3, p. 251-258, 2009.
- [11] HOOLEY, T.; SULTANA, R. G. Career guidance for social justice. **Journal of the National Institute for Career Education and Counselling**, v. 36, p. 2-11, 2016.
- [12] INSTITUTO DE CULTURA, ATIVIDADES E PESQUISA EM PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO. **Cursinho da Psico-USP: Projeto Psicopedagógico**. São Paulo: ICAPPE, 1995.
- [14] KATO, D. S. O papel dos cursinhos populares nos acessos e mudanças de perspectivas de seus participantes. **Cadernos CIMEAC**, v. 1, n. 1, p. 5-24, 2015.
- [15] MAHFOUD, M. A. Vivência de um desafio: plantão psicológico. In: ROSEMBERG, R. (Ed.). **Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa**. São Paulo: EPU, 1987, p. 75-83.
- [18] McILVEEN, P.; SCHULTHEISS, D. E. *Social Constructionism in Vocational Psychology and Career Development*. London: Sense, 2012.
- [19] RASCOVÁN, S. E. **Orientación Vocacional: Perspectiva Crítica**. Buenos Aires: Paidós, 2005.
- [20] RIBEIRO, M. A. A influência psicossocial da família e da escola no projeto de vida no trabalho dos jovens. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 5, p. 120-130, 2010.
- [21] _____. Algumas contribuições brasileiras para a orientação profissional: o enfoque socioconstrucionista - Uma proposta. In: _____.; MELO-SILVA, L. L. (Eds.). **Compêndio de Orientação Profissional e de Carreira (Vol. 2)**. São Paulo: Vetor, 2011. p. 53-79.

[22] _____ . **Career counseling for people in psychosocial situations of vulnerability and flexicurity: a social constructionist proposal.** In: MARTIN, T. V. (Ed.), *Career Development: Theories, Practices and Challenges*. New York, NY: Nova Science Publishers, 2016. p. 79-110.

[23] SANTOS, A. **Um Estudo Exploratório sobre a Construção de Modelos Teóricos-Práticos: A Orientação Profissional em Curso Pré-Vestibular.** 2002. Dissertação (Mestre em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

[24] VALORE, L. A.; CAVALLET, L. H. R. Escolha e orientação profissional de estudantes de curso pré-vestibular popular. **Psicologia & Sociedade**, v. 24, n. 2, p. 354-363, 2012.

[25] WHITAKER, D. C. A. Da “invenção” do vestibular aos cursinhos populares. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 11, n. 2, p. 289-297, 2010.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao cursinho da Psico-USP pela inclusão institucional do POP em seu projeto pedagógico e pelo apoio ao longo destes 10 anos, e à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da USP que vem disponibilizando bolsas para alunos/as de graduação através do Programa Aprender com Cultura e Extensão, que agradeceu o POP em suas várias edições.

MARCELO AFONSO RIBEIRO *Docente do Instituto de Psicologia da USP e coordenador responsável do POP (Projeto de Orientação Profissional) dentro do Programa Aprender com Cultura e Extensão da USP – e-mail: marcelopsi@usp.br.*

ALEX MASSAMI KANAMURA *Graduado em psicologia pelo Instituto de Psicologia da USP e bolsista do Programa Aprender com Cultura e Extensão de agosto de 2010 a julho de 2011.*

ARTHUR HOVERTER FACCHINI *Graduado em psicologia pelo Instituto de Psicologia da USP e integrante da equipe do POP em 2012.*

CECILIA PERES BOSCHETTO *Graduanda em psicologia pelo Instituto de Psicologia da USP e bolsista do Programa Aprender com Cultura e Extensão de agosto de 2015 a julho de 2016.*

JULIANA SANO DE ALMEIDA LARA *Mestre em Psicologia Escolar pelo Instituto de Psicologia da USP e integrante da equipe do POP em 2012.*

RAFAEL DE LIMA TORRES *Graduado em psicologia pelo Instituto de Psicologia da USP e bolsista do Programa Aprender com Cultura e Extensão de agosto de 2013 a julho de 2014.*